

Antoine Saint Exupéry e a caracterização do imaginário em “o pequeno príncipe” e os contos de fadas como incentivadores para a leitura

Antoine de Saint Exupéry and the characterization of the imaginary in "the little prince" and fairy tales as encouragers for reading

Glauber de Sousa Silva

Michelle Nascimento Cabral da Fonseca

321

Resumo: O presente artigo tem por objetivo pesquisar e coletar dados com base na obra *O pequeno Príncipe*, desde o surgimento da literatura de contos de fadas até sua contribuição para o desenvolvimento do imaginário infantil. O principal foco deste trabalho é compreender o real sentido do surgimento e da criação desta história, a criação dos personagens e de como esta obra pode contribuir no aprendizado da criança e também no desenvolvimento de sua imaginação através da leitura da obra. Arelada a isto está a investigação das inspirações que o autor buscou para caracterizar cada personagem. Para uma melhor conclusão é preciso primeiro saber a origem dos contos de fadas e quem foi o principião de toda esta literatura que ultrapassa gerações e como os pais e mestres podem contribuir para que a criança tome gosto pela leitura.

Palavras-chaves: Imaginário; Contos de fadas; Contribuição; Leitura.

Abstract: This article aims to research and collect data based on the work *The Little Prince*, from the emergence of fairy tale literature to its contribution to the development of children's imagination. The main focus of this work is to understand the real meaning of the emergence and creation of this story, the creation of the characters and how this work can contribute to children's learning and also to the development of their imagination through reading the work. Linked to this is the investigation of the inspirations that the author sought to characterize each character. For a better conclusion, it is first necessary to know the origin of fairy tales and who was the initiator of all this literature that spans generations and how parents and teachers can help children enjoy reading.

Keywords: Imaginary; Fairy tale; Contribution; Reading.

Introdução

A presente pesquisa bibliográfica intitulada *Antoine Saint Exupéry e a caracterização do imaginário em: “O Pequeno Príncipe”* tem como interesse a reflexão de como os contos de fadas com base na obra “O pequeno Príncipe” ajudam a criança no processo imaginário. Objetiva a discussão através da obra de Exupéry, como a criança sob influência dos contos de fadas podem atribuir sua imaginação a um mundo criado apenas para elas com sua forma única de ver o mundo.



A obra “O pequeno príncipe” é de fácil compreensão e quem a ler entenderá e poderá se deparar com várias situações onde a imaginação será bem explorada. O principal objetivo desta pesquisa é mostrar como este conto é capaz de mexer com a imaginação e criatividade do leitor.

Esta pesquisa também mostra a importância de Charles Perrault para a difusão da literatura de contos de fada e de como este autor contribuiu para a leitura fosse compreendida de maneira mais simples. Outro ponto que vale ressaltar é que, ao ler este tipo de literatura, o indivíduo pode se autoconhecer e ter uma visão de mundo e, assim, a pessoa será mais crítica.

Ao se deparar com os contos de fadas, o indivíduo pode perceber que há muito mais do que uma história onde a princesa espera por seu príncipe encantado. Nos contos de fadas existem histórias que trazem contextos mais reflexivos. Nesta pesquisa também serão apresentadas algumas alternativas para que a criança se apaixone e se cativie pela leitura dos contos de fadas.

É preciso saber que, quando se lê contos de fadas, a pessoa não está apenas exercitando o conhecimento, mas também a sua criatividade, já que é possível criar sua própria história a partir daquilo que se está lendo. Esta pesquisa também visa à independência intelectual do ser, através da leitura.

O surgimento da literatura infantil e os contos de fadas

A literatura infantil pode ser configurada como sendo um ramo da literatura específica para crianças, jovens e adolescentes. Nos primeiros anos da escola, a criança entra em contato com os livros que contenham imagens coloridas, gravuras e textos pequenos para que seja mais fácil a compreensão na hora da leitura. Porém, conta-se que o surgimento da literatura infantil no mundo deu-se por particularidades próprias.

Essa manifestação se deu devido à sua união com a pedagogia, uma vez que as histórias eram preparadas para se renegarem em uma ferramenta dela. A criança na época era tida como um adulto em potencial, cuja ascensão ao aprendizado dos mais velhos somente seria possível a elas depois de um processo de maturação. A literatura passou a ser notada como um



extraordinário aparelhamento para tal, e os contos de fadas começaram a se desenvolver para estarem atrelados ao ato de ensinar e instruir.

No entanto, mais a frente, no século XVIII esta criança começara a ser desassimilada dos adultos, contendo características e carências próprias e com isso, elas foram preparadas com uma educação diferente para assim se prepararem para serem adultos com experiências distintas.

Os contos de fadas foram criados no final do século XVII, na França, e iniciada por Charles Perrault (1628-1703). Porém, Perrault não foi o criador das narrativas originais dos contos de fadas. O autor as editou para que fossem mais adequadas à audiência do Rei Luiz XIV. Graças às narrativas folclóricas contadas por camponeses, governantas e outros serventes os contos foram enriquecendo sua obra prima.

Segundo Fontes (2018), a mamãe gansa, como ficou conhecida no Brasil, é uma obra de Charles Perrault que por ser uma velha que reunia as crianças da aldeia para contar histórias mágicas. Perrault decidiu atribuir suas histórias a esta personagem, já que a mesma era muito conhecida no meio do povo. Gustave Doré se encarregou de ilustrar a obra. Sobre as histórias contadas pelas mães, Sousa (2018, p. 10) reitera:

O Dia das Mães me faz lembrar da mãe mais famosa e antiga da literatura infantil: a Mamãe Gansa, uma figura usada como modelo de uma “mãe” que se reúne com filhos para narrar histórias. Foi assim que o escritor Charles Perrault a concebeu e Gustave Doré desenhou. O livro “Os contos de Mamãe Gansa” é muito antigo e, por isso, já tem várias edições no mercado. Reúne as mais tradicionais histórias, que vêm se perpetuando através dos tempos, e fazendo muitas gerações de crianças felizes.

Perrault coletava os contos e tirava as partes mais obscenas e violentas das narrativas e colocava seu apelo literário para prender a atenção dos grandes salões parisienses. O mais interessante é que tudo o que era escrito por Perrault não passava de relatos de fatos da vida dos camponeses, onde na sua maioria apresentavam muita pornografia, que no caso, eram impróprios para crianças.

Essas narrativas tinham apenas o intuito de entreter. Anos depois, com a idealização da mulher perfeita e com a descoberta das fadas, houve a



necessidade de alienar tais contos a educação. Segundo Bettelheim (1980) para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade.

Cada narrativa tem uma mensagem individual para passar aos seus leitores, o autor por sua vez, escolhe a mensagem de acordo com aquilo que ele quer transmitir. Cada uma das histórias contribui de forma superficial para a formação da criança. De uma forma geral pode se dizer que cada conto tem uma intensidade diferente, mas que todos propiciam o desenvolvimento de atenção e raciocínio. De acordo com Bettelheim (2004, p. 20)

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Teóricos dividiram a imaginação em duas categorias: a reprodutora e a criadora ou reconstrutiva. A reprodutora é um sinônimo da memória e para a psicologia não há outro caminho para explicar essa atividade a não ser supondo que a existência de outras lembranças provoque outras associadas àquela imagem. A segunda categoria já se coloca de maneira mais complicada. Na perspectiva comportamental, explicava o surgimento de criativas imagens a partir do resultado de combinações singulares e causais de elementos.

Vygotsky (1998) diz que a imaginação está presente no ser desde o princípio da consciência infantil e assim da procedência ao resto da sua personalidade. Isto faz com a criança seja o único ser, segundo Freud, que está completamente independente da realidade, ou seja, a criança é capaz de criar sua própria realidade em meio a suas vivências com o meio e com aquilo que ela ouve nas histórias contadas por seus pais.

Essa experiência estimula o processo criativo, visto que a atividade está intimamente relacionada com a variedade da vivência do homem. Além disso, não pode ser esquecido que a imaginação é um processo de (re) criação. Para o psicólogo, na atividade de criação, a imaginação e a realidade,



correlacionadas estabelecem uma relação dialética que dá a possibilidade de transformar o homem na sua relação com o mundo.

Quando o indivíduo fantasia, ele sabe que aquela situação vivida na imaginação mesmo não sendo real é capaz de provocar sentimentos e emoções pelo exercício da criatividade (tristeza, alegria, raiva, amor). Para Coelho (2000, p.27) “A literatura, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”.

Em meados do século XX, a literatura tinha como exclusividade, educar, oferecer padrões e moldar a criança em conformidade com as perspectivas dos adultos. Em poucas situações as obras vinham com um conteúdo prazeroso que desse a criança a capacidade de imaginar, ou seja, transformar aquela história em uma aventura ou experiência descrita por ela mesma. Abramovich (1999, p.17) diz que:

Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Atualmente, a literatura para a criança tem muito mais do que o intuito de educar ou moldar, mas sim fazer com que a criança desenvolva o seu cognitivo, emocional e modo de se relacionar com a sociedade. É preciso ampliar esse gosto pela leitura na criança desde cedo. Segundo Sousa (2000), a criança de posse desses recursos aprende a ler com mais desenvoltura, transformando-se em um eficiente leitor. Essas experiências levam a concluir que um aluno devidamente motivado e envolvido por laços afetivos eficazes, está mais capacitado para adquirir o conhecimento repassado nos livros de contos de fadas

A influência dos contos de fada para o desenvolvimento infantil.

A sociedade é constitucionalmente regularizada por avanços coletivos, sociais e pela educação individual, e por isso precisa estar sempre à procura de soluções para os problemas socioculturais, na perspectiva de uma



sociedade mais justa. A partir de então, o ser humano precisa ser concebido como um ser que pensa o que lhe é apresentado.

Diante disso, é muito difícil ver uma criança presenciando sua infância devido ao que acontece, pois ela está muito atrelada a sua realidade que muitas vezes não é associada a leitura já que mesmo com o desenvolvimento da didática de motivação à leitura e desenvolvimento cognitivo ter tido uma importância relevante, ainda se percebe muito essa necessidade de incentivo as crianças.

Sendo assim, essas crianças têm muito mais contato com suas realidades do que com sua própria infância, o que se torna o espaço de grande notoriedade para elas o que pode, muitas vezes se tornar um grande vazio numa etapa tão importante e tão bonita que são a aprendizagem de suas fantasias e sentimentos.

Os contos de fada contribuem de forma triunfal na vida das crianças de modo a ser um recurso que atingi o pensamento delas e seu psicológico, além de lhes dar auxílio nas situações que exigem explicar as circunstâncias que não conseguem perceber e também proporciona ao leitor uma ajuda no desenvolvimento de sua cognição. Isso torna os contos de fada atemporal é o fato de favorecer aos adultos e crianças uma evolução e amadurecimento de sua personalidade.

Dohme, ano II nº 9, p 7 afirma:

É por tudo isso que as histórias são mágicas e propiciam momentos de encantamento, porque existem crianças, mas também porque existem, e sempre existirão, homens e mulheres "crianças" que gostam de estrelas cintilantes, que se emocionam com coisas simples, que praticam o amor e acreditam em fadas.

Os contos de fadas também propiciam aos leitores tal relevância que quem ler começa a sentir emoções e como sendo real e percebem que em muitos obstáculos da vida podem ser vencedoras, isso porque vai se identificando com os personagens, a trama e tudo que rodeia a história. Dentro dos contos podem haver, tramas, amor, inveja, dor, envelhecimento, morte, raiva, como também conflitos internos e o mais interessante é que sempre há um final feliz em meio a tudo isso.



O medo e conflitos internos parecidos com esse sentimento, podem ter ajuda dos contos de fada para que as crianças aprendam a lidar com esses sentimentos, não só esses desejos como outros, também. Este tipo de lição é uma característica muito forte dos contos fantásticos.

Mas para que isso aconteça o contexto das histórias precisam despertar a curiosidade da criança, afim de entretê-las. Como também precisa estimular a imaginação do indivíduo e assim poder deixar mais claros os seus desejos e vontades e assimilar com a história. Em muitos contos, a criança encontra situações em que os conflitos existentes na sociedade, seja por isso as dificuldades profissionais, pessoais e escolares são inevitáveis e fazem parte da sociedade que as rodeia.

Nos contos, os vilões sempre fazem com que o mocinho sofra no decorrer da história seja com alguém que esteja próximo, isso porque sempre querem se vingar de alguma forma do personagem bom. Mas no final, o vilão sempre é castigado o que faz com que quem leia saiba que no final de tudo o crime não compensa e por isso, esses malfeitores perdem sempre. “Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto” (ABRAMOVICH 1999, p 121)

Para entreter a criança a história, é preciso criar personagens com falas marcantes e bem fáceis de se pronunciar, devem conter imagens que deixem claro a ação daquele personagem, mas principalmente uma situação que deixe a criança usar o poder de sua imaginação. Desta forma o conto precisa ser feito de forma simples para que a criança não sinta dificuldade em se sentir parte do conto. Para Bettelheim, (1980, p. 34)

O conto de fadas é apresentado de um modo simples, caseiro; não faz solicitações ao leitor. Isto evita que até a menor das crianças se sinta compelida a atuar de modo específico, e nunca a leva a se sentir inferior. Longe de fazer solicitações, o conto de fadas reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final feliz.

Segundo Bettelheim, tais contos se organizam de forma com que a criança elabore suas fantasias e assim possa conduzir melhor sua vida com o passar dos dias. Não é intenção da literatura infantil, iludir. Sua intenção é



aguçar e deixar a vida com um ar mais mágico, ou seja, deixar o leitor a vontade. E com isso, essa liberdade de imaginar pode ser reforçada com os contos de fada.

A importância da imaginação através das obras “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint Exupéry.

Neste estudo sobre a obra pode-se observar que toda história tem sempre algum elo de ligação com uma situação vivida ou ouvida. Quando parte para o ramo da escrita, muitos autores usam aquilo que presenciaram em suas histórias, como é o caso de Antoine de Saint Exupéry que contextualiza vários personagens na sua obra.

Seu melhor amigo, sua esposa, a raposa da montanha, o menino do trem, entre outros, não são frutos de sua imaginação, mas são inspirações para que ele criasse cada personagem. Em um fragmento de seu livro, mostra que Saint Exupéry foi uma criança que sempre despertou interesse por aviões, desenhos e histórias graças aos contos que seu avô e sua mãe contavam para ele todos as noites. Exupery, (2015, p. 117) reitera:

Antoine, por exemplo, desde menino aprendeu a tocar violino e manifestou interesse por desenho, o que explica seu talento para ilustrar *O pequeno príncipe*. Além disso, o avô materno das crianças gostava de ler contos antigos para elas todas as noites.

Entrando no campo de estudo da obra de Antoine Saint Exupéry, essa imaginação descrita nos parágrafos anteriores se dá no momento em que ele diz que quando criança viu uma imagem em um livro e a partir dali, sua imaginação o levou a desenhar uma cobra engolir um elefante, o que para um adulto seria impossível de se imaginar. Mas como o mesmo descreve os adultos não conseguiam ver essa imagem criada pelo menino, e assim com seus argumentos vagos de que ele deveria aprender outras coisas, foram limitando o pequeno a não querer mais desenhar.

Cito Corrêa (2015) onde a autora diz que Ali fora convencido de que seus desenhos não transmitiam aquilo que ele via. Em um episódio um adulto disse que aquele ali não era uma cobra engolindo um elefante e sim um



chapéu, cansado de tentar convencer que era o contrário ele começou a conversar com os adultos sobre assuntos que lhes convinha e foi deixando de falar sobre jiboias e desenhos. E assim se tornou um adulto comum. Quando se tornou piloto, depois de uma pane no deserto do Saara, ele encontra um menino que ao vê-lo pede para que lhe desenhe um carneirinho, e com um pouco de mal humor diz que não sabe desenhar, já com o papel que ele tirado bolso. Depois de várias tentativas de desenhar o tal animal, ele decide desenhar uma caixa com dois furos e dá ao menino que ao ver aquilo fica muito feliz, pois diz que o carneirinho está dentro da caixa e precisa se cuidado.

Na história, o menino descrito por Exupéry saiu do seu planeta em busca do desconhecido, ou seja, ele queria novas descobertas já que em seu planeta ele apenas tinha a companhia de sua rosa. O autor mostra um menino curioso, ingênuo e ao mesmo tempo perdido. As experiências do príncipe com os adultos dos outros planetas remetem ao passado do aviador que queria que os adultos o entendessem e sem sucesso ele procurava alguém que visse seu desenho da mesma forma que sua imaginação queria. Quando o homem encontra com o pequeno e ali traçam uma bela amizade, mostra ao leitor que mesmo crescendo ele jamais pode deixar de ser criança.

Este menino melancólico que Exupéry exhibe em seu conto pode representar aquelas crianças que muitas vezes não conseguem alguém que faça companhia nos dias em que ela precisa ver o “pôr sol”. O que pode representar as crianças que vivem a maior parte de sua infância sozinha, sem ter alguém para compartilhar suas experiências. No entanto, o autor também mostra que estes pequenos podem contar com seus amigos, por isso a representação da raposa.

A criança deste livro pode ser a representação da criança descrita por Vygotsky e assim mostrar que a criança pode criar um mundo, um animal, etc apenas imaginando. O que segundo o psicólogo se deve a vivência e ao meio ambiente em que a criança está inserido.

É importante frisar que este a imaginação também pode ser constatada em músicas, como por exemplo: “Era uma Vez” da cantora Kell Smith que fez a



presente musica porque segundo a própria cantora, todos os adultos já sentiram saudade da sua infância em algum momento de sua vida. O título da canção remete aos contos de fada que as crianças leem antes de dormir. As frases das músicas eram sempre remetidas a algum momento da vida em que todos podiam brincar com a sua imaginação.

Tal musica remete aos tempos em que as crianças brincavam mais com seus brinquedos do que com jogos eletrônicos. Mas não é apenas isso que esta canção mostra, existe uma frase que diz: “Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão”. Este trecho faz uma alusão a cor e forma das nuvens com algodões doces, e isso faz com que a pessoa que escute esta música quando olhar para o céu e ver as nuvens brancas e com formatos diversos, lembrem de algodões doces.

Toda a composição da música trata dessa questão da infância e de imaginar o quanto era bom brincar sem se preocupar com nada, apenas ser criança. Outra frase da canção de Kell Smith que faz referência a imaginação é “Dava pra ver, a ingenuidade e a inocência cantando no tom milhões de mundos e universos tão reais quanto à nossa imaginação”, que dá ênfase a inocência de através da imaginação, criar outros mundos.

Por que as crianças devem ler a obra “O Pequeno Príncipe”?

Ao ler a obra “O Pequeno Príncipe”, o leitor se debruça em um mundo de fantasias, mas que não é fictício. O que acontece na história nada mais é do que a realidade vista na imaginação de um homem que foi criança e que em um certo momento de sua vida, viu que a criança que existe nos homens, estava se perdendo e por isso ele já não entendia mais gente grande.

Segundo Exupéry (2015) o pequeno príncipe não fora escrita apenas para crianças, os adultos também são convidados a ler. Mas existe uma importância por trás deste convite. Os adultos precisam encontrar a criança que está perdida dentro deles assim como o piloto se permite ao longo da história que o menino lhe ensine a ser criança, novamente.

Os desenhos são a parte concreta daquilo que se imagina, por isso o carneirinho é um fator primordial para que isso tenha respaldo. Através do



desenho, a criança concretiza aquilo que está na sua cabeça, ou seja, ela transmite sua imaginação dentro daquela aquarela.

Subentende-se que o autor da história utilizou fatos e experiências do seu cotidiano para escrever a obra, o que é uma característica dos contos de fada. E tudo está relacionado ao fato de que quando criança, seu avô lia sempre contos de fada para ele e seus irmãos dormirem. Corrêa, (2015 p. 116) diz que: “Além disso, o avô materno das crianças gostava de ler contos antigos para elas todas a noites”.

Essa história pode contribuir para as crianças desenvolverem sua imaginação porque é de fácil compreensão e há muitas lições sobre a vida, sobre deixar sempre ser cativado, mas principalmente pode mostrar aos leitores a criança que foi Saint Exupéry. Segundo Ressurreição, (2007 p. 19):

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações.

O Pequeno Príncipe como objeto de estímulo para a imaginação infantil

Entende-se como criatividade, o processo psíquico que a criança constrói muito cedo. A criança é capaz de criar graças ao meio em que está inserida, ou seja, o fator determinante para a sua criatividade são suas experiências. Alencar, 1993,

p.15 afirma que a “criatividade implica a emergência de um produto novo, seja uma ideia, ou invenção original seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes”.

Cito Corrêa (2015, p. 16) trazendo um trecho sobre o livro “Esta é a caixa. O carneirinho que você quer está aí dentro”. Este trecho do livro “O pequeno príncipe”, mostra o homem desenhando para o pequeno que o pediu para que desenhasse um carneirinho. Para a surpresa do homem, a criança ficou deslumbrada com o desenho, seu carneirinho estava ali dentro e ela podia imaginar o animalzinho dentro da caixa. Claramente o jovem príncipe



usou sua imaginação e criou aquele ser que precisava de cuidado e que era perfeito para viver em seu mundo, já que seu planeta é muito pequeno.

Segundo Vygotsky (2009), a criação na realidade é apenas o resultado concreto de um longo processo complexo, o qual ele denomina imaginação criativa, processo esse que, como o próprio nome diz não separa o agir do sentir e pensar próprios do ato da fantasia. A obra “O pequeno príncipe” mostra a trajetória de um homem que sofre um acidente e fica sozinho no meio do deserto, até que encontra uma criança que surge no meio do nada, o que pode subentender-se como sendo também, fruto da imaginação do homem.

O que deixa a história mais interessante, é que o narrador da história é também o autor do livro. Na autobiografia de Antoine de Saint Exupéry todos os personagens têm ligações com entes queridos. O avô e a mãe do escritor liam contos antigos para ele e seus irmãos todas as noites, quando ele ainda era criança. Segundo Abramovich (1997, p. 35): “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!”

A partir daí, Antoine despertou o interesse por desenhar e por tocar instrumentos. Isso explica desenhos tão bem feitos em seu livro que ele mesmo ilustrou. Com essa imaginação, aviador passou por muitas experiências antes de começar a escrever sua obra.

O piloto da história: “quando o mistério é impressionante demais, não ousamos desobedecer”. Este personagem é o próprio autor. Primeiro tem-se o aviador enquanto história. Um homem que quando criança gostava de desenhar e ler histórias, mas foi contrariado pelos adultos quando mostrou sua obra de arte, uma jiboia engolindo um elefante.

No início da história, ele diz que quando leu um livro sobre jiboias e elefantes, começou a pensar sobre aventura nas selvas. Este trecho deixa bem claro que sua imaginação começou a fluir a partir da leitura daquele trecho do livro que o menino leu. Segundo Corrêa, (2015, p. 116): “Antoine, por exemplo, desde menino aprendeu a tocar violino e manifestou interesse por desenho, o que explica seu talento para ilustrar O pequeno príncipe”.



Algo relevante sobre esse episódio é que o menino queria que os adultos por si só já descobrissem do que a figura se tratava. Segundo ele, as pessoas sempre precisavam de explicações para entenderem suas figuras, ele deixou de lado o seu sonho de ser artista e preferiu seguir seu outro sonho. Ser piloto de avião.

Assim se tornou um adulto comum, como os outros adultos que nunca saberiam que aquilo que eles chamam de chapéu, na verdade era uma jiboia engolindo um elefante. Corrêa (2015, p. 10) diz: “Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante”.

Ainda sobre essa criança frustrada, é perceptível na história, que ele não tornou a contrariar os adultos, afinal de contas ele jamais teria sucesso. A história se segue e assim como já dito, ele se torna um adulto comum que deixou seu sonho de ser artista, mas tornou-se um grande piloto, que era seu segundo sonho. O grande questionamento é: Por quê esta criança se deixou levar tão rápido? Segundo o próprio autor, a criança cansara de tentar convencer os adultos sobre sua tese e foi vencida pelo cansaço, já que segundo ele nenhum adulto jamais entenderia o seu desenho.

Depois de muito tempo e finalmente ter se tornado um piloto, ele começa a viajar. E como voou por todo o canto do mundo, ele ainda tentava mostrar seu desenho para outros adultos que ele achava que compreenderiam, porém todos davam a mesma resposta: “É um chapéu”. Como ele já havia aceitado o fato de ninguém lhe entender, ele falava dos assuntos de adulto e já não falava mais de jiboias, flores ou aventuras, pois percebeu que aqueles adultos tinham perdido a criança dentro de si. Os outros adultos ficavam contentes com os assuntos que ele conversava e o achavam um homem muito sensato. Para Corrêa (2015 p. 11):

Então eu não lhe falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Eu me colocava ao seu alcance. Fala de Bridge, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa adulta ficava muito contente de conhecer um homem tão sensato...

Em uma de suas viagens, seu avião tem uma pane e ele acaba caindo no deserto do Saara, ele conta que nunca mais tinha conversado com alguém verdadeiramente até ficar preso naquele lugar. Ali ele conhece o que seria no



futuro o seu melhor amigo, o pequeno príncipe. Dali então começa uma grande aventura sobre os valores da amizade e sobre se achar no mundo.

No decorrer dos capítulos, o piloto aprende muitas lições com o menino e a principal é sobre como as pessoas não tem mais tempo para serem cativadas. Amorte do príncipe lhe traz felicidade e tristeza ao mesmo tempo. A partir daquele dia, ele olharia para as estrelas e veria que em uma delas, o pequeno príncipe estaria lá. “O piloto Saint Exupéry: gente grande primeiro foi criança”. Em uma outra vertente, tem-se o piloto Saint Exupéry que foi o autor, narrador-personagem e também fora a criança da história. Segundo o livro “Saint Exupéry e o pequeno príncipe, ele se faz criança para revelar o mundo maravilhoso da infância. Mas o autor, escreveu esta história enquanto encontrava-se exilado, nos Estados Unidos, já que a França fora invadida pelas forças alemãs. Então decide falar do pequeno Antoine na história sob as aparências do pequeno príncipe.

O piloto deixa claro em vários pontos da obra que se sentia só, Corrêa (2015,p.13) conta em um trecho: “Vivi só, sem um amigo com quem pudesse conversar”. Nesse trecho é possível perceber que ele estava triste por se sentir só, até que encontra um príncipe perdido no meio do deserto.

Pode- se dizer, então, que fazendo essa vertente, Antoine faz uma grandedinâmica apresentando na história a criança que ele foi e o adulto que muitos queriam que ele se tornasse. Ele sempre foi uma criança ligada a arte e a literatura, mas tinha um sonho de ser aviador, por isso que um dos protagonistas é um piloto. Diferente da história, quando tinha 12 anos, ele voou pela primeira vez, e de tão encantado acabou escrevendo um poema sobre aviões. Eu um trecho Corrêa (2015, p. 118) diz:

Então, quando Saint-Exupéry tinha apenas doze anos, voou com Gabriel Wroblewski. Esse foi considerado o seu “batismo do ar”, em 1912. A experiência o deixou tão encantado que ele acabou escrevendo um poema sobre os aviões.

Todas essas características são muito semelhantes às descritas em seu livro. Outro ponto importante a ser frisado é o fato de serem apresentadas figuras bíblicas no conto. O sete mundos representam os sete dias que segundo o velho testamento no livro de Genesis, Deus levou para criar o



mundo. O primeiro ser que o menino encontra na terra é a serpente que foi quem fez Adão e Eva comerem o fruto proibido.

O carneirinho representa o cordeiro que é sacrifício e Abraão, que também segundo Genesis imolara no lugar do seu filho. Exupéry teve uma formação católica tradicional. Cito Corrêa (2015, p. 160) conta que “A terra é o sétimo planeta visitado pelo príncipezinho, assim como foram sete os dias que, que no livro do Gênesis, do Antigo Testamento, Deus levou para criar o mundo”

Ainda segundo o autor, como toda gente grande, Exupéry também se apaixonou e viveu grandes amores, mas apenas um lhe despertou tanto amor a ponto de inspira-lo para uma personagem, a rosa do livro. Seu nome, Consuelo de Suncín, uma artista que pintava quadros e esculpia. Quando se conheceram foi amor à primeira vista. Consuelo sofria de asma e isso deixaria Saint Exupéry muito preocupado com sua esposa, ele se sentia responsável por ela, mesmo nos tempos de crise conjugal. Mesmo astuciosa e extravagante, Consuelo era frágil. E essa foi uma das inspirações para a personagem.

Consuelo foi a mulher com quem o piloto ficara até desaparecer. Ela cuidava da mulher como se fosse realmente uma rosa, desde o cuidado com sua asma até o cuidado com a aparência, pois a senhora de Saint Exupéry era muito vaidosa e gostava de coisas caras, uma característica que se pode ver na rosa da obra.

A rosa: “Essa rosa é complicada.” Esta personagem é o grande amor do menino, no entanto é orgulhosa e muito vaidosa, além do mais ela não podia pegar vento, precisava de uma redoma. A rosa amava o menino, pois ele cuidava muito bem dela. Mas como ela mentiu, ele acabou fugindo dela. A rosa mesmo arrependida não quer que o menino a veja chorar e por isso deixa que ele vá. Esta personagem foi inspirada em Consuelo de Suncin, esposa de Antoine, o fato de não poder pegar vento é por conta da asma que a artista, mulher de Exupéry sofria.

Corrêa, (1973, p. 133) reitera que “Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isto basta para que seja feliz quando a contempla. *O pequeno príncipe: desenha um carneirinho para*



mim? Este personagem simboliza a criança adormecida dentro dos adultos, a esperança, o amor e a força inocente da criança. Na história, representa a criança que se indaga sobre sua existência no mundo. Ele tem um amor muito inocente por uma rosa que é orgulha e vaidosa, este amor é inocente, sem malícia e o pequeno apenas quer cuidar e proteger sua rosa e ela o faz satisfazer suas vontades. Em um determinado momento essa criança decide buscar outros mundos, e sai em busca de novos amigos e respostas para suas indagações. Segundo Maria, (1973, p. 149):

Por que um príncipe menino? A criança vê além das aparências: “O mais importante é o que é invisível... só se vê bem com o coração”. O reino da infância apresentado em uma série de parábolas no Pequeno Príncipe é o reino da confiança. A criança não mede, não calcula, não desconfia. A criança crê no que parece impossível. O príncipezinho tem confiança no Piloto.

Ao sair de seu planeta e quem chama de B 612, encontra em seu caminho alguns planetas com donos diferentes, desde um rei prepotente até um contador de estrelas. Em todos ele busca por resposta, mas sempre é ignorado por não terem tempo para as suas indagações. Ele finalmente encontra o último planeta onde vê um homem no deserto, sem ninguém, na companhia apenas de seu avião.

Ele decide então pedir que o homem lhe desenhe um carneirinho. Ao fazer isso, ele faz com que a imaginação daquele homem desperte, o que faz com que aquele desconhecido também desperte sua imaginação, desenhando apenas a caixa com o seu animal dentro dela.

O menino passa por muitas situações e vários encontros, dentro da história. O que mais marcou a passagem dele no sétimo planeta foi sua estadia com a raposa, a quem ele teve a difícil missão de cativar. A raposa o faz perceber que o amor que ele sente pela rosa é mais do que um sentimento de proteger, mas também a responsabilidade que tem ele tem sobre ela.

Mas a mais dolorosa foi sua experiência com a serpente, a primeira criatura que encontra na terra. Ela o faz acreditar que a morte é a única forma para ele voltar ao seu planeta, pois é muito ingênuo para não confiar nela. A



representação desse personagem está associada a serpente da bíblia sagrada, visto que, Antoine era muito religioso.

Ao trazer esta criança ao contexto, Saint Exupéry mostra não só um grupo específico, mas todas. Isso porquê, em algum momento a criança busca amigos para brincar, conversar ou até mesmo compartilhar determinados momentos. O menino de “O pequeno príncipe” é astuto, inteligente e muito determinado. Remetendo a infância do autor, pode haver muito do que ele foi na infância. O que se pode dizer é que parte deste príncipe é o que o aviator foi na sua infância.

As características físicas do pequeno são alusivas ao aviator quando criança, pois o personagem é uma criança loira de cachos como o autor era, quando mais novo. Mas segundo uma das adaptações do livro foi também uma inspiração dolorosa de uma criança que o ele encontra num trem em uma de suas viagens para Polônia.

Antoine foi até a terceira classe do trem e viu que muitos poloneses estavam amontoados nos vagões enquanto na primeira classe estavam vagos. Lá ele então avista uma linda criança, adormecida no colo de um casal. O bebê tinha uma fronte lisa e boquinha terna. Corrêa, (2015, p.166) mostra que:

Nesse ambiente de infortúnio, desponta aos olhos de Saint-Exupéry uma linda criança adormecida no colo de um casal. Ele dirá do menino: “Que rosto adorável! Havia nascido daquele casal uma espécie de fruto dourado. Nascera daqueles pesados trapos, aquele acabamento de encanto e graça, eu me debrucei sobre aquela fronte lisa, aquela boquinha terna e pensei: eia aqui um rosto de músico, eis aqui Mozart menina eis aqui uma bela promessa da vida. Os pequenos príncipes das lendas não eram diferentes dele: protegido, cercado, cultivado, o que ele não se tornaria.

Nota-se que realmente há mais da vivência com o meio em que ele viveu para escrever descrever estes personagens do que dos contos em que ele ouvia. A criança da história pode estar atrelada com a vivência de muitas outras, tornando assim uma obra atemporal, pois ainda existem meninos com o mesmo perfil que o dono do asteroide “B 612”.



O mais curioso é a amizade que se cria entre o aviador e o pequeno príncipe. Essa união torna a história mais interessante de se ler. Ao que se vê e pelas características já descritas neste capítulo, parece que os dois personagens são apenas um, ou seja, há um pouco dos dois em cada um. Isso pode tornar a história mais apreciável para quem ler, afinal a intuição de Saint Exupéry é exatamente despertar a criança que existe em cada adulto.

Acendedor de lamparinas: “Esse aí é o único que eu poderia ter feito realmente meu amigo. Mas seu planeta é pequeno demais.” Este personagem foi o único em que o menino realmente se interessou, porém ele não tinha tempo para ser amigo dele. O pequenino se admirou porque ele parecia fazer algo que era realmente importante. Mas como os outros, ele morava sozinho e tudo que ele queria era apenas descansar, mas infelizmente seu ofício não lhe permitia.

Geógrafo: O geógrafo é importante demais para passear. Ele não sai de seu gabinete. Antes de chegar a terra, sétimo planeta onde o menino viveu as aventuras com o piloto, ele foi ao sexto planeta e encontrou um geógrafo. Este é o dono do planeta mais vasto de todos, porém ele nunca explorou, não tinha tempo de sair de seu gabinete. Segundo MARIA (1973, p. 137) “O geógrafo aconselhou o Pequeno Príncipe a visitar um planeta que gozava de grande reputação e se chamava Terra”. O ápice desta passagem está no fato do homem dizer que não explora flores porque elas não duram para sempre, isso deixa o menino preocupado e arrependido de ter saído de perto de sua flor. Mas o Príncipe seguiu.

O Carneirinho: Quando o mistério é impressionante, não ousamos desobedecer. Não é necessariamente um personagem, mas a sua contribuição dentro da história faz dele um elo de ligação entre o aviador e o príncipezinho. Na história, o aviador desafiado pelo príncipe faz o desenho de um carneirinho por várias vezes, mas o menino não ficava satisfeito. Cansado de tanto desenhar e não ter sucesso, o homem desenha, então uma caixinha e diz que o carneirinho que ele quer está dentro da caixa. Para a surpresa do homem, a criança fica vislumbrada com tal bichinho. Certamente, nasce uma grande amizade entre os dois.



Finalmente, depois de adulto aquele homem encontrou alguém que entendesse seus desenhos. Antes mesmo de desenhar o tão esperado carneirinho, ele desenha para o pequeno o mesmo desenho que fez quando criança: o da jiboia fechada. Para seu espanto, o menino descreveu exatamente aquilo que ele imaginava, sua resposta foi: “Não! Não! Eu não quero saber de elefante dentro de jiboia”. O homem ficou estupefato, pois quando ele fez o mesmo desenho quando criança, ninguém o entendia.

Por ter sido um homem que fora moldado pelo meio social onde viveu, ele fazia seus desenhos apressado pois como qualquer adulto, não aguentava mais aquele garoto lhe pedindo que fizesse um carneirinho. Ele só não contava que o príncipe ficara muito feliz com aquela obra de arte, não por causa dos traços, mas porquê ele poderia imaginar o carneirinho ali dentro e assim o bicho caberia em seu planeta.

Raposa: “Tu te tornas responsável por aquilo que cativas”. Esta personagem é uma das mais marcantes, na obra. Tudo isso por conta da forma como ela se posiciona na história. O narrador se inspirou num feneço, que é uma raposinha do deserto que tem orelhas pontudas. Cito Guimaraês (1964, p. 106) que em sua obra mostra o trecho uma das cartas de Anthoine à sua irmã, Didi que escreve: “Estou criando uma rapôsa-fenech, ou rapôsa solitária. É menor que um gato e tem imensas orelhas. É adorável”

Sua aparição para o pequeno príncipe foi um momento de aprendizagem, pois ele estava perdido em seus sentimentos com relação a sua rosa. Esta relação entre eles, tem muito a ver com a história do autor com seus amigos e pessoas a quem ele cativou durante sua vida. A sua dedicatória, por exemplo, é dada a um amigo a quem tinha muito apresso.

Quando ela diz que só poderá brincar com ele quando ele a cativasse, significa que ele precisava conhecê-la, ou seja, precisava ter importância na vida da raposinha. Ela dá lições valiosas ao menino e ao mesmo tempo para os leitores, ensinamentos estes que são primordiais em uma amizade. Ela diz que os homens não têm mais tempo para cativar e cada um precisa ser único e não ser como os outros “Cem mil” homens.



A forma como a raposa demonstra seu interesse em ser cativada pelo rapazinho é muito admirável e ao mesmo tempo mostra que os seres deste mundo são vazios e que precisam de amigos para serem mais felizes. Assim foi Saint Exupéry, com seu amigo, a quem faz sua dedicatória, pois ele era o único que o compreendia. Na perspectiva do livro, a raposa quer ser amiga do pequeno, mas antes de tudo ele precisa de certa forma conquista-la e assim a sua amizade será fortalecida em confiança e conexão.

Outra coisa muito interessante a se notar, é como a raposa inicia sua conversa com o menino. Eles enchem o outro com questionamentos, como: “No seu planeta tem caçadores”? “O que é cativar”? “No seu planeta tem galinhas”? “Criar laços”? Esse diálogo pode estar atribuído a quando duas crianças estão se conhecendo para assim se tornarem amigas. E como a o bicho usa o que está ao redor para explicar ao pequeno príncipe, como quando ela fala que dourado dos trigos são como os cabelos do menino, quando ouvir o pisar no chão, mas para isso acontecer é preciso que ela seja cativada.

Sua vida monótona também está atribuída a forma como as pessoas se deixam levar por suas ocupações e não têm tempo de se conhecerem ou até mesmo de fazerem amizades. O que se pode ver é que existe muito mais do que uma lição de amizade aí, mas uma lição de ser humano, ou seja, de aproveitar o que está ao redor para se conectar com o interior e poder ter liberdade para se conectar alguém.

Mas a maior lição que pode ser dada para quem ler esta obra é sobre escolher uma pessoa em cem mil para se cativar como é o caso da rosa. Ele poderia encontrar uma rosa igual a que ele deixou em seu planeta, mas ao cuidar dela e cativa-la, ela deixou de ser uma rosa qualquer e se tornou única e isso fez com que o príncipe descobrisse e percebe-se que deveria voltar ao seu planeta para encontrar a sua rosa.

Na despedida da raposa, ela disse que o lucro de ter sido cativada é que quando ela olhar para o trigo já não achará chato e nem sem graça porque se lembrará do cabelo do pequeno príncipe. O que traz a conclusão que a lembrança sempre será o maior traço da imaginação e que quando uma



pessoa ou uma história marca, certamente algo sempre será remetido ao mesmo.

A razão pela qual o autor trouxe este personagem é que ele acreditava que os adultos haviam deixado de serem a criança que um dia foram e por isso eram incapazes de entender o verdadeiro sentido da vida, por essa razão essas as frases sobre ver com o coração e ser responsável pelo que cativas são tão essenciais para uma amizade. Maria (1973, p. 142) diz sobre esse encontro com a raposa:

Como é oportuna esta lição com a raposa! Vivemos todos apressado, sem tempo para cativar amigos. Sem tempo para contemplar as estrelas, como o “homem sério” que julgava possuí-las. A falta de tempo nos endurece e a solidão vai surgindo ao redor de nós. Começamos então a fugir para diferentes “asteroides”, mas acabamos nos encontrando sempre, apenas um pouco mais pobres, um pouco mais feridos.

O grande desfecho deste personagem é o segredo que ele conta ao menino. “O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração”. “Tu te tornas eternamente responsável por aqui que cativas”. O que torna o final da participação dessa criatura um marco. Já que ela se tornou única no mundo do menino que agora é responsável por ela.

Considerações finais

Tudo o que envolve literatura, se pode definir como aprendizagem. Como se pode ver nesta pesquisa o quão importante é a leitura de contos na vida de uma pessoa desde que cedo. A literatura pode transformar uma simples experiência em um grande texto, cheio de ficção e aventura. A muito tempo a literatura de contos de fadas serve como ferramenta para o docente, em sala de aula. É possível ver nos capítulos como esta ferramenta pode ajudar o aluno enquanto ser pensante.

Mas é preciso que todos tenham acesso a este tipo de leitura quando criança, pois ao crescer ela poderá ser mais criativa e mais crítica. Segundo os escritores citados, existem muito mais por trás dos contos de fada do que se imagina, desde conscientizar até mudar de vida. Tem-se assim os contos como



uma ferramenta que servirá como ponto de referência para que estas crianças sigam como leitores apaixonados

Bettelheim (2004) diz que enquanto a criança se diverte, o conto de fadas pode dar mais clareza sobre o seu desenvolvimento da personalidade. Dá um significado diferente e enriquece a existência da criança de vários modos que livro algum pode fazer juiz.

A participação dos pais e professores é fundamental para que esta experiência tenha validade. A criança precisa de experiências e de convivências com outras pessoas para que ela mesma possa criar sua história a partir deste momento e mesmo que ela saiba que aquilo não é real pode ter um leque de sentimentos e emoções de acordo como o que presencia.

A obra o “Pequeno Príncipe”, além de um conto cheio de magia, mostra que todos os homens precisam de mais tempo para cativarem e fazer amizades, porque ninguém vive sozinho. Ao ler isto, a criança entenderá que mesmo estando sozinho, ela de fato não vive só. Atrelando a sua vida, ela verá que há muito mais do que os olhos vêem. As frases e fragmentos da obra pesquisadas são totalmente atemporais, ou seja, sempre estarão presentes mesmo que o tempo se passe.

A presente pesquisa mostra que por trás de uma história de contos de fadas, a criança pode transformar a sua imaginação em um mundo cheio de magia, ficção e aprendizagem, além de se tornar mais criativa e mais comunicativa. Mas é preciso que tenha acompanhamento de seus pais e professores.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo:Scipione, 2003.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo:Scipione, 1993.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo:ed.Spicione, 1997.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 11-43.



BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística: pensamentos e ação no magistério**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna. 2000. Disponível em: <https://blogs.uai.com.br/contaumahistoria/os-contos-de-mamae-gansa/> acesso em 12/06/2019.

DOHME, Vânia. **A arte de contar histórias**. Professor Sassá. São Paulo, v. 2, n. 9, p. 7-5, ano II.

FREIRE, Paulo. **A importância do hábito de ler: em três artigos que se completam**. 48ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 2vol. São Paulo: Brasiliense, 1951.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a, tom II.

LOBATO, Monteiro. **Conferências, artigos e crônicas**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964e

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 48a ed. São Paulo: Brasiliense, 1993

3. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

PERRAULT, Charles. **Contos de Charles Perrault**. Trad., prefácio e notas: Eliana Bueno-Ribeiro. Ilustrações: Gustave Doré. São Paulo: Paulinas, 2016.

PERRAULT, Charles. **Contos e fábulas. Tradução e posfácio**: Mário Laranjeira. São Paulo: Iluminuras, 2007.

SAINT EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**: 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015;

VYGOTSKY, L. S. **Imaginación y el arte na infância**. Cidade do México, Hispânicas, 1987 [original de 1930]

VIGOTSKI, L.S. **Imagination and creativity in childhood**. In: Soviet Psychology, v.28, 1930/1990, p. 84-96.

VIGOTSKI, L.S. **Obras completas**. Editorial Pueblo e Educación, 1929/1997.

VIGOTSKI, L.S. **Imagination and creativity in the adolescent**. In: Soviet Psychology, v. 29 (1), 1934/1991.



VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Sobre os autores

Glauber de Sousa Silva

glauber.profmaster@gmail.com

Mestre em Arte Cênicas pela UFMA, graduado em Letras Literatura de Língua Portuguesa pela UEMASUL e especialista em Língua portuguesa, literatura e artes pela FAVENI. Artista, quadrilheiro, pesquisador, diretor de teatro, roteirista na Associação Cultural Flor de Mandacaru e docente.

Michelle Nascimento Cabral da Fonseca

michelle.ncf@ufma.br

Doutora em Comunicação Social pela PUC/RS e Mestre em História Comparada pela UFRJ. Artista, docente e pesquisadora permanente do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas - PPGAC/UFMA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Encenação e Corporeidades- CENACORPO/CNPQ.